

CULTURA BIÔNICA

7753
Sem representantes políticos, Brasília é uma cidade sem identidade cultural e marginalizada pelo próprio Governo

MENEZES DE MORAIS

WAGNER BILL

A identidade cultural de Brasília está organicamente relacionada à liberdade do seu povo poder eleger os seus representantes para as prefeituras das cidades-satélites, câmaras de vereadores, de deputados e Congresso Nacional. Enquanto a comunidade brasiliense não tiver seu título de eleitor anistiado, a cidade continuará sem identidade cultural própria.

A tese (polêmica) é do escritor e jornalista Ézio Pires, secretário-geral do Sindicato dos Escritores de Brasília. Aos 56 anos, vivendo em Brasília desde a fundação da cidade, Ézio viu aqui nascerem seus três filhos e dois netos. Ele é da opinião de que "a cultura brasiliense, oficial, é administrada por biônicos. A comunidade também precisa eleger os seus dirigentes culturais".

Desde a sua fundação, que Brasília vem lutando para conseguir a sua independência política e conseqüentemente começar a formar a sua identidade cultural própria. Essa identidade só começará a ser formada, a meu ver, a partir do momento em que o povo de Brasília puder eleger os seus representantes políticos. Somente a partir daí é que eu vislumbro a capacidade do Distrito Federal ser também, a exemplo da política, um pólo cultural importante, de peso na vida cultural do País.

SEM FOLCLORE

O secretário-geral do Sindicato dos Escritores do DF diz ainda que a situação é tão crítica que Brasília não tem sequer uma tradição folclórica. "Eu sei que a cidade é a soma de todos os brasileiros. E sei também que esses brasileiros que vivem aqui em Brasília conservam suas tradições culturais de origem. Mas mesmo essa tradição aqui, não encontra eco, não encontra ressonância, porque os administradores da cultura no DF, são todos biônicos e não têm compromissos com a cultura popular".

Pires diz ainda que "é por isso que nós não temos figuras populares, não temos folclore e a cultura que se produz aqui tem o sabor de algo feito em trânsito. Isto eu considero um reflexo da situação política que a cidade vive: até os nossos políticos vivem aqui em função do Congresso Nacional. Mas fazem de Brasília uma espécie de escritório, porque esses políticos estão preocupados mesmo é com os votos dos eleitores de seus Estados".

O que fazer? Ézio Pires entende que o primeiro passo "é lutar pela representação política da cidade e, com ela, o poder da comunidade escolher também os dirigentes da cultura. A cultura que circula em Brasília, pela esfera da oficialidade, interessa apenas a um pequeno grupo que foi guindado ao poder pela bionicidade. Por isso, eles não têm compromissos com a comunidade".

Neste sentido, Ézio Pires assegura que "o acesso aos bens culturais em Brasília, está prejudicado pela Fundação Cultural do DF. Um exemplo bem gritante são os encontros nacionais de escritores que a Fundação promove anualmente. Dele não participa nenhum dos escritores da cidade. Todos os participantes são convidados de outros Estados e via de regra são os representantes dos bons mocinhos da geração de 45. Tem sido assim desde 1962, quando foi feito o primeiro encontro nacional de escritores em Brasília".

CINEASTAS EXCLUÍDOS

A exemplo do encontro nacional de escritores, Ézio Pires cita também o Festival de Brasília, do Cinema Brasileiro, que a FCDF, promove todo fim de ano. Nesse festival, diz o secretário-geral do Sindicato dos Escritores, os cineastas brasilienses são inteiramente excluídos. Por quê?

Porque não existe interesse da FCDF, na atual conjuntura política, de alimentar e de incentivar a cultura brasiliense autêntica. É por isso que os cineastas de Brasília ficam sempre de fora do festival de cinema, mesmo produzindo uma cultura cinematográfica organicamente comprometida com a estética e as aspirações brasilienses.

Ézio Pires traça ainda um paralelo entre os escritores e os cineastas:

A exemplo do encontro de escritores, do qual nunca participaram os novos escritores, como Paulo Leminick, Augusto e Haroldo de Campos, Dalton Trevisan, etc, também para o festival de cinema, parece existir o propósito deliberado por parte da FCDF, de excluir os representantes da geração de cineastas de Brasília. Quanto aos escritores, existe um episódio bastante ilustrativo.

Esse episódio — conta Ézio Pires — ocorreu ao tempo em que o escritor Hermenegildo de Barros fazia parte da comissão que escolhia os



Ézio Pires: contra os biônicos da cultura e pela representação no DF

escritores para a participação no encontro. "Hermenegildo convidou Tristão de Athayde, o Alceu Amoroso Lima, e ele fez um discurso opontente contra a tirania e a repressão cultural no País. Resultado: por causa disso, Hermenegildo foi afastado da Função Cultural, ao que me consta".

LUTA DE TODOS

Por fim, o secretário-geral do Sindicato dos Escritores do DF assegura que "esta é uma luta de todos nós. Brasília tem que ter a sua representação política, porque somente assim começará a criar também a sua identidade cultural própria. Culturalmente, Brasília flutua no tempo e no espaço. Não por culpa dos autênticos trabalhadores da cultura da cidade, mas sim por culpa exclusiva da bionicidade que administra a cultura da cidade".

A conclusão que eu tiro disso tudo é a seguinte: parece que a Fundação Cultural do DF não acredita na capacidade dos trabalha-

dores da cultura em Brasília. Senão, como se justifica a exclusão dos escritores e dos cineastas locais, nos encontros de escritores e no festival de cinema, promovidos pela FCDF?

Finalizando, Ézio Pires contou um episódio ocorrido entre ele e o general Golbery do Couto e Silva, ao tempo em que este ainda tinha plenos poderes no Palácio do Planalto. O general anunciava, numa entrevista, as eleições diretas para governadores dos Estados. E Ézio perguntou a Golbery, quando é que Brasília iria eleger "também os seus representantes".

O general me olhou de cima abaixo, com frieza, e me perguntou se eu tinha nascido aqui em Brasília. Eu respondi não, que moro na cidade desde 1960 e mais que isso: que eu tenho três filhas nascidas em Brasília, e que tanto elas como eu ainda não temos nossos títulos eleitorais anistiados. Por fim Golbery, saiu com a afirmativa de "eleições são inconvenientes em Brasília".

Serão mesmo?

Lutador incansável

Entre os trabalhadores culturais de Brasília, Ézio Pires exerce um papel de destaque. Incansável, instigante, batalhador, três livros publicados, centenas de poemas inéditos, um romance pronto, *Pátria Escura*, todo acontecido em Brasília. Este último, deverá ser filmado brevemente por José Acioli, este diretor que atualmente empolga o público brasiliense com o seu filme *Assembleia Geral*, onde estão documentadas as crises e a angústia da Universidade de Brasília (UnB).

O primeiro livro de Ézio Pires, *Hora Marginal*, poemas saiu em 1962. Depois, editou *Depoimento Literário*, em 1977. Nele, críticas, ensaios e entrevistas. Depois ele publicou, em 1979, o ensaio *O Julgamento da Liberdade*. Estão todos esgotados. Agora, Ézio dá os retoques finais no romance *Pátria Escura*, que vem preparando há alguns anos.

É um romance inteiramente ambientado e acontecido em Brasília.

Nele, um fato curioso: os personagens são os edifícios públicos da cidade, como o Congresso Nacional, principal personagem, que no romance chama-se "Homem Feito", que briga noite e dia contra o arbitrio, a injustiça e a intolerância. A Universidade de Brasília também é personagem do livro, com o nome de Maria Chiquinha.

Uma das muitas discussões que se travam hoje nos bastidores culturais de Brasília é exatamente a da cidade não ser ainda o conteúdo temático e existencial da produção cultural da cidade. Mas isto é apenas uma questão de tempo. E Ézio Pires, com o seu romance *Pátria Escura*, certamente dará mais uma grande contribuição neste sentido.